

Abraços de Calíope e Clio: a história de Sergipe na literatura de Gizelda Moraes

Wagner Gonzaga Lemos¹

266



Mas sob o teto do céu que sustentamos nós somos flores de existência efêmera e – estátuas para a vida e para a morte – nos deram olhos humanos para o pranto!
Santo Souza, elegia nº 16.

Boa tarde, senhoras, senhores, prezados confrades e confradeiras. Quero inicialmente agradecer pela honra que me foi concedida de proferir uma palestra no evento da comemoração da emancipação política de Sergipe realizado por nosso Instituto. É por demais gratificante pela soma dos fatores que me trazem aqui: tratar da História de Sergipe, terra que há mais de duas décadas me acolheu e à qual dedico meu sentimento de pertencimento, bem como pelo tema, pois abordar a vida e a obra de Gizelda Moraes é um resgate de memória afetiva de uma muito estimada amiga que já partiu. Nesse sentido, nada mais adequado do que começar esta breve exposição com alguns versos do poeta sergipano Santo Souza (1919-2014), autor da predileção da homenageada: “*Mas sob o teto do céu que sustentamos/nós somos flores de existência efêmera/e – estátuas para a vida e para a morte – nos deram olhos humanos para o pranto!*”

Nas pesquisas referentes ao doutorado em Literatura Brasileira que hoje desenvolvo na Universidade de São Paulo, trabalho com a História Literária como um gênero cujo crescimento se deu entre nós, brasileiros, no período do entresséculos XIX e XX, graças, segundo a tese que formulei, ao papel dado à Literatura e à História.

Penso que as Belas Letras, como era denominada a arte literária, asseguravam, em especial, ao intelectual da primeira metade do XIX um espaço diferenciado, uma distinção. Entretanto, com o Cientificismo que ganhou força na segunda metade desse século, o lastro de diferença abarcou outros ares. Nesse sentido, em nossa compreensão, a História da Litera-

1 Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe e doutorando em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. E-mail: wagnerlemos@usp.br

tura, feita por figuras como Silvio Romero, José Veríssimo e Araripe Júnior, era a busca desse entrelugar de Arte e Ciência, bem como a reunião de elementos de destaque de fim de Império e início de República. Aliar esses dois territórios era, em nosso entendimento, uma estratégia para afiançar capital de cultura letrada a quem os articulasse.

No entanto, o que temos em Gizelda Morais, segue em um caminho diverso. Não se trata de um discurso que se pretende científico debruçado em um tema da Arte, mas uma construção artística, um manejo com a palavra de ficção, estreitando pontos com um mundo externo a ele, abordado pela História.

Gizelda Santana Morais nasceu em Campo do Brito (SE), em 30 de maio de 1939, e faleceu em 14 de agosto do ano passado, após duríssima batalha contra o câncer. Esta comunicação na Casa de Sergipe tem por finalidade, além de fomentar a pesquisa científica sobre sua obra, relembrar Giza (como era chamada pelos mais próximos) na passagem do primeiro ano de seu passamento.

Devemos dizer, de forma breve, que embora tenha nascido e falecido em Sergipe, a vida de Gizelda Morais foi permeada por experiências em terras distantes. Desde os estudos de graduação na Bahia e Minas Gerais, passando pelo início de um mestrado na Universidade de São Paulo (USP) interrompido, em razão do convite para o doutorado em Lyon, na França, país em que também atuou como professora universitária. Esta carreira a que, aliás, deu prosseguimento no Brasil, nas universidades federais da Bahia, de Alagoas e de Sergipe. Dessa atividade, advieram obras de caráter científico, mas que compuseram uma parcela quantitativa menor do que a produção literária. Gizelda atuou na Poesia, gênero que cultivou desde a adolescência, na Crítica Literária em que temos uma expressiva análise da poesia de Santo Souza, mas, sobretudo, na Prosa, à qual se dedicou com maior empenho nos últimos anos.

É possível afirmar que Gizelda Morais marcou um espaço na literatura brasileira contemporânea, mormente no que se refere à produção de autoria feminina, em que temos desde a novela intimista como “Jane Brasil” (1986) com sua retomada em “A procura de Jane” (2008); passando pela síntese biográfica de Dom Luciano Cabral Duarte, ou as obras “Absolvo e Condono” (2000), “Veleiro da Esperança” (2012) até os romances históricos de que nos ocupamos nesta exposição: “Ibiradiô – As várias faces da moeda” (1990), cujo subtítulo que desaparece das reedições, e “Preparem os Agogôs” (1996).

Devo destacar aqui que ambas foram traduzidas e publicadas em francês. Inicialmente “Ibiradiô” que permaneceu com o mesmo nome e saiu sob o selo da Éditions du Petit véhicule, em 1999. Depois, “Preparem os Agogôs” cuja tradução veio como “Réveille les Tambours”, em 2008, pela



L'Harmattan, grupo editorial que também adquiriu direitos de adaptações cinematográficas.

Pelo que me consta, as duas traduções desses romances para o francês garantem a Gizelda Moraes um posto que desconheço tenha sido alcançado por outro prosador sergipano, situando ainda a romancista num amplo universo de leitores francófonos.

A abordagem de cunho histórico em Gizelda foi um projeto de apresentação daqueles cujas vozes foram silenciadas, considerando como ponto dessa discussão a História de Sergipe. Posso afirmar que, assim como José de Alencar estabelecera para si, um projeto nacionalista representando o que ele considerava diversas faces do Brasil, Gizelda tomou para si

A vertente histórica, manifestada nos romances Ibiradiô e Preparem os Agogôs (...) surgiu com o meu sentimento de dívida para com dois segmentos de nossa população, dos quais eu e a maioria da população brasileira descendemos – a indígena (autóctone) e a africana escravizada – espoliadas por aqueles que aqui se estabeleceram para tomar posse das terras e explorar as suas riquezas. A consciência de que a História oficial, aquela que lemos nos livros escolares, não nos contava toda a verdade, levou-me a realizar esses projetos – contar como teria se passado um pouco dessa História através da história romanceada de alguns personagens, carne, cérebros e ossos, recriados no ambiente do passado, com o auxílio de textos pesquisados e contextos imaginados. (MORAIS, 2005).

“Ibiradiô”, ao ser publicado em 1990, levantava a voz no contexto das comemorações do quarto centenário da conquista de Sergipe. A autora pretendia elencar o contraponto acerca das festividades com a reflexão de que aquilo denominado como celebração era o genocídio dos povos indígenas.

Para ressaltar esse contraste, a narrativa foi montada em dois momentos históricos: o século XVI estendendo-se ao XVII com ambientação na conquista do território de Sergipe e o século XX, em que personagens Cristóvão, Gaspar e Diogo, cineastas, que buscavam elementos para um roteiro cinematográfico que reconstruísse essa História, mas de maneira crítica. Nisso, o subtítulo “as várias faces da moeda” cumpria um tom didático de explicar as finalidades da obra.

Devo dizer, entretanto, que o tom muitas vezes didático, em certos trechos, diminuiu a fluidez da narrativa na seção contemporânea, naquele seu segundo romance. Como escreveu o nosso confrade Jackson da Silva Lima na orelha da primeira edição, tratava-se de uma romancista “em ascensão”. Como ainda não estava talhada, sua prosa paulatinamente se



aprimorou nos romances seguintes e alcançou, por exemplo, o patamar daquele que reputo como sua obra prima, o derradeiro “A um passo do esquecimento”, do qual tive o privilégio de ser o revisor. Convém registrar aqui o primor que esse texto apresenta, não só pelo enredo, mas também pela engenharia da composição em um sistema de retábulo em que os sessenta capítulos podem ser lidos de forma independente ou em sequencial.

Ainda sobre “Ibiradiô”, a romancista lançou mão de autores como a nossa ex-presidente do IHGSE, professora Thétis Nunes, frei Vicente do Salvador, dentre outros, mas não apenas como referência no fim do livro, também como figuras citadas pelos personagens, como fontes usadas para a construção do roteiro.

Jesuítas, colonizadores e indígenas ganham nas páginas de Gizelda um novo fôlego de vida, mas que repensemos nossa atualidade. Vemos uma narrativa que se posiciona ao lado de Aperipê, de Serigy, observando os braços invasores da propalada civilização como uma das faces cruéis sobre os ameríndios.

Nesse enredo, temos em tom metafórico, como desfecho, um filme que não se realizou. Essa não realização como uma simbologia de tantas outras tantas incompletudes de nosso País, bastando que olhemos para a educação, saneamento básico, saúde... mas temos também uma observação muito pertinente: onde estão indígenas dos lugares que carregam nomes indígenas como Sergipe, Aracaju, Itabaiana? Os nativos restam em topônimos e não nas feições da população, por quê? Seria por que os corpos foram mortos, mas as terras expropriadas? Sim, os nomes ficaram nas terras das quais um dia foram donos, mas as feições desapareceram porque os corpos foram mortos em genocídio.

Em “Preparem os Agogôs” (1998), temos um texto mais maduro e fluido, em que o diplomata Tomás Gonzaga é fio condutor de uma retomada histórica que atravessa o século XIX dando voz aos trazidos nos navios negreiros. Envolto numa busca existencial, o diplomata investiga suas origens e chega aos barões de Sergipe em tramas que mesclam traições, assassinatos, estupros, negociação de escravos, adoções, alforrias via luta em guerras... O curioso é notar que embora nomes sejam trocados, muitas narrativas encontram âncora na narrativa histórica em razão de suas semelhanças.

Passam por suas páginas figuras como a de Genésia Fontes, a Dona Bebê. Mesmo não citada nominalmente, a irmã de Lourival Fontes, ganha um espaço na narrativa, quando o orfanato de um Oratório da capital sergipana abriga uma das órfãs da trama.

Contudo, o caso mais interessante, a meu ver, é do Barão de Espinhos, personagem sobre quem paira no romance a desconfiança de assassinato da primeira esposa, que já era viúva riquíssima viúva e que casara com rapaz mais moço. Dados biográficos fazem-nos relacionar a narrativa de



Gizelda ao Barão de Maruim, João Gomes de Melo, que, assim como o personagem gizeldiano foi senador e contraiu segundas núpcias com uma mulher uma branquíssima mulher europeia e sobre quem pairou a nuvem da suspeita de encomenda da morte da esposa, mesmo ausente na Europa, o que resultou “O *Barão de Maruim* e o processo *Rolleberg*. Ao público e aos seus amigos. Rio de Janeiro, de 1862.”

Conforme nos afirma Sebrão Sobrinho em “Laudas da História do Aracaju” ao nos descrever a família do Barão entre as páginas 471 a 474 de seu livro. Notem a analogia feita pela romancista: na substituição de Maruim, inseto picador, perfurador, ela lança Espinhos e dá ao leitor indícios através do vocábulo daquilo que já tinha indicado na semelhança de enredo.

Em ambos os romances, sobressai a polifonia como um dos elementos da narrativa. O foco narrativo não se centra em um personagem como em “Jane Brasil” ou “A procura de Jane”, obras mais intimistas, como já dissemos.

Nos textos de cunho mais históricos, a polifonia pauta a construção de Gizelda Moraes, tendo em vista que nela a romancista nos quer evidenciar que a História pode e deve ser vista pelos múltiplos olhares, e dessa forma, dando voz aos desprestigiados e esquecidos da sociedade. Não somente isso, porém, a polifonia em Gizelda Moraes é uma metáfora da condição humana: somos seres múltiplos, estamos em constantes mudanças sempre a carregar as peculiares dimensões em nossas trajetórias. Uma lição que nos deixou Gizelda que, ao contrário do que intitula seu último livro, “A um passo do esquecimento”, é figura de nossa cultura que não há de ser esquecida.

Referências bibliográficas

MORAIS, Gizelda Santana. *Jane Brasil*. Aracaju: Ed J. Andrade, 1986.

_____. *Ibiradiô*. Aracaju: s/ed, 1990.

_____. *Esboço para uma análise do significado da obra poética de Santo Souza*. Aracaju, 1996.

_____. *Preparem os Agogôs*. Recife: Bagaço, 1996.

_____. *Ibiradiô*. Editions du Petit Véhicule. Traduit du portugais par Philippe Meilhac. Nantes, 1999.

_____. *Absolvo e Condono*. São Paulo : Vertente, 2000.

_____. *Feliz Aventureiro*. São Paulo : Scortecci, 2001.

_____. Entrevista concedida em 2005 a Wagner Lemos. Disponível no endereço eletrônico <<http://www.wagnerlemons.com.br/entrevistagizelda.htm>> acessado em 30 de maio de 2016.

_____. *A procura de Jane*. São Paulo: Scortecci, 2008.

_____ **D. Luciano José Cabral Duarte – Relato Biográfico.** Aracaju: J. Andrade, 2008.

_____ **Réveillez les tambours.** Traduit du portugais par Bertrand Borgo. Éditions de L'Harmattan, Paris, 2009.

_____ **Veleiro da esperança.** São Paulo: Scortecci, 2012

_____ **A um passo do esquecimento.** São Paulo: Biblioteca 24horas, 2014.

SEBRÃO SOBRINHO. **Laudas da História do Aracaju.** Organizado por Vladimir Souza Carvalho. 2ª edição. Aracaju: Gráfica J. Andrade, 2005.

SOUZA, Santo. **Caderno de elegias.** 3ª edição. Aracaju: J. Andrade, 2001.

